

José Eduardo Agualusa

A Educação Sentimental dos Pássaros

Onze contos sobre anjos, demónios e outras
pessoas quase normais



QUETZAL Obras de José Eduardo Agualusa

Para Marília Gabriela e Patrícia Reis

A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL
DOS PÁSSAROS



(Fala Jonas Savimbi)

ATINGIRAM-ME NAS COSTAS. O impacto da bala empurrou-me e caí. Sinto que continuo a cair, estendido de bruços na lama, enquanto a manhã estala e cresce ao meu redor. Instantes antes do ataque havia pássaros a cantar entre a folhagem. Se abrisse os olhos veria a terra vermelha e o verde muito vivo do capim. Assim, de olhos fechados, abre-se na minha memória uma paisagem quase idêntica. Escuto, não os tiros, e há tiros por todo o lado, mas sim o galopar do comboio. Ouço-o arfar num esforço metálico. O meu coração bate ao compasso da máquina, tam-tam, tam-tam, tam-tam, num ritmo cada vez mais rápido. Uma menina loira debruça-se a uma das janelas. O sorriso dela devolve-me o alento. Continuo a correr. A locomotiva alcança a primeira curva. Envolve-me uma nuvem de fumo muito branco e de fagulhas ardentes. Detenho-me, aflito, e quando recupero a vista o comboio já está longe. Despede-se num uivo triste.

O cabelo loiro da menina cintila, lá muito ao fundo, e eu choro porque fiquei para trás.

(Fala o escritor)

Nos anos 30 do século passado, o pequeno edifício da estação dos caminhos-de-ferro, na vila de Munhango, estava pintado de um amarelo intenso e melancólico, como se o iluminasse por todos os lados um perpétuo poente. Ao olhar para ele, fosse qual fosse a hora, os viajantes experimentavam uma saudade fantasma. Sabiam que nunca antes tinham estado ali. Todavia, doía-lhes na alma a tristeza do lugar. Quase todos deixavam a vila com a sensação de estarem abandonando alguma coisa de si próprios. Anos mais tarde, muitos ainda sorriam — um sorriso um pouco triste — quando por acaso recordassem a rápida passagem por Munhango: «Ah, aquela estação lá no interior de Angola, tão bonita! Como se chamava?»

Ao ler o que acima deixei escrito talvez algum leitor mais idoso erga o sobrolho, irritado, antes de protestar que não, que não, que na realidade a estação estava pintada com aquele cor-de-rosa seco, comum à maioria dos edifícios públicos nos territórios ultramarinos. Lamento se os desiludo: estou-me nas tintas para a realidade.

Loth Savimbi gostava de se sentar na gare, à sombra fresca do pequeno alpendre — «ao ar lento»,

como ele dizia, imitando o português um pouco trôpego de um colega. Ficava ali, lendo os jornais, depois do almoço, enquanto o sol se acirrava contra o ferro dos carris. Foi naquele lugar que a velha Francisca o encontrou na tarde do dia 3 de agosto. «Pai», chamou-o, na mansidão do seu umbundo. «Venha depressa que à sua esposa, Helena, lhe nasceu um filho.»

Mesmo não sendo ainda o chefe da estação, cargo para o qual seria nomeado em 1942, Loth Savimbi gozava de certa autoridade e do respeito de colonos e filhos da terra, com exceção do Padre Antero, um septuagenário meio surdo, meio cego, que o via como um concorrente feroz no árduo combate pela conquista das almas. Loth estudara no Instituto Currie, no Dondi, fundado em 1914 por missionários metodistas norte-americanos e canadianos, tornando-se pastor. Levava a religião muito a sério. Onde quer que chegasse, logo construía uma casa de pau a pique para receber os fiéis, e outra, mais pequena, para albergar uma escola. A cortesia com que tratava toda a gente cativava brancos e negros, animistas e católicos, sendo natural, pois, que os representantes da Igreja Católica não o vissem com bons olhos. A intriga dos padres explica a brevidade com que permanecera em anteriores estações e apeadeiros. Hoje ainda é possível seguir as deambulações do esforçado pastor através do rosário de escolas e igrejas que deixou atrás de

si: Cubal, Ambandi, Sapessi, Chipeio, Jilinga, Belmonte, Katele-Kalucinga, Salvador-Mussende, Gumba, Chivinga, Lonhoha, Vila Alegre, Kalucinga, Vila Estrela, Bela Vista, Ekosa, Etumbuluko, Boa Esperança.

Sakaita Savimbi, o pai de Loth, odiava os portugueses. O velho combatera, ao lado de Mutu-ya-Kevela, na insurreição do Bailundo, em 1902, um evento dramático, hoje quase esquecido, mas que na época provocou enorme perturbação, tanto na colônia quanto na metrópole. A acreditar no testemunho de Francisco Cabral de Moncada, governador de Angola, em *A Campanha do Bailundo em 1902* (Lisboa, Livraria Ferin, 1903), tudo teve origem na recusa de Mutu-ya-Kevela em pagar algumas ancoretas de aguardente. Os guerreiros ovimbundos começaram por atacar as residências e armazéns de comerciantes portugueses estabelecidos na região. Muitos brancos morreram. Os sobreviventes foram conduzidos, acorrentados de pés e mãos, até à embala de Mutu-ya-Kevela, que os juntou à restante escravaria. Parece-me uma curiosa ironia da História que alguns dos últimos escravos em Angola tenham sido brancos.

Sucederam-se vários ataques à Fortaleza do Bailundo e muitas centenas de mortos. A 4 de agosto de 1902 uma coluna portuguesa, comandada pelo

tenente Paes Brandão, conseguiu encurralar Mutu-ya-Kevela. O «valente caudilho de guerra preta» — como lhe chamou Francisco Cabral de Moncada, reconhecendo-lhe qualidades enquanto estratega militar — morreu com uma bala na cabeça.

Sakaita Savimbi guardava uma meia dúzia de canhangulos utilizados na sublevação. Por vezes excedia-se na bebida e regressava aos dias da cólera. Voltava a sentir o sangue a pulsar no pescoço. Via-se a si mesmo gritando de noite, no alto dos penhascos, contra os acampamentos dos soldados. Escutava os uivos dos feridos, o estalar do cavalo-marinho marcando as costas dos escravos brancos de Mutu-ya-Kevela. Carregava então os velhos canhangulos e corria pelas lavras disparando para o ar, maldizendo a sorte da guerra, e o crescente número de portugueses que, pouco a pouco, iam ocupando as terras dos ancestrais. O seu ódio não poupava os padres, tão pouco os missionários protestantes, na maioria norte-americanos, embora alguns destes fossem negros e demonstrassem grande interesse em aprender um-bundo.

(Fala Jonas Savimbi)

Meu avô, meu avô Sakaita!

Vejo-o avançando na minha direção. Lá vem ele, alto, esgaldado, afastando as sombras aos safanões, e

rindo e gritando em umbundo, enquanto agita no ar lavado da manhã um velho canhangulo ferrugento.

Aprendi com o meu pai a arte da dissimulação, essencial na política, e também no comando dos homens em tempo de guerra. Loth ensinou-me ainda a ser ambicioso. Um dia, devia eu ter sete ou oito anos, confessei-lhe o meu sonho: tornar-me maquinista. Todos os meninos, no mundo em que cresci, ambicionavam conduzir locomotivas. A linha do caminho-de-ferro ia criando mundos à medida que atravessava o país. Os maquinistas saltavam para a gare, suados, sujos de carvão, como heróis vindos de um tempo futuro. O comboio comandava as nossas vidas. Aqueles homens comandavam os comboios. Loth, o meu pai, não me quis ouvir: «Vais ser médico!»

Na altura pareceu-me uma assustadora insensatez.

Como se ele tivesse dito: «Vais ser pássaro!»

Alguns dias mais tarde, contudo, alguém me perguntou o que eu queria ser quando crescesse, e não hesitei: «Vou ser médico!»

A ambição, portanto, devo-a ao meu pai. A revolta, ao meu avô Sakaita. Dele herdei também o gosto por discursar em provérbios.

«*Mbeu okulonda ko cisingi, omanu vokapako.*»

O cágado não sobe sozinho às árvores, alguém o colocou lá.

(Fala o escritor)

A bondade é transparente, não carece de explicação. Personagens de alma pura tendem a dar, já se sabe, fracas personagens. Almas puras, como a água pura, não sabem a nada. São matéria insípida. Personagens perversas, pelo contrário, fazem a alegria dos atores que as interpretam no cinema ou no teatro. O Mal, mesmo rudimentar, parece sempre mais complexo e interessante do que o Bem. O Diabo fascina. Os anjos, esses, nem sexo têm.

O nome Savimbi vem de «otchivimbi», que significa «morto». O prefixo «sa» tem o sentido de «pai de». Portanto, pai dos mortos. Jonas designa «pombo» em hebraico.

Em que altura da vida Jonas se transformou em Savimbi?

Conheci-o. Escrevo isto e dou-me logo conta da imprecisão. Não o conheci, estou a tentar conhecê-lo. A primeira vez que lhe apertei a mão aconteceu numa tarde remota, no aeroporto do Huambo. Lembro-me de mim, a esta distância, como um rapaz assustadoramente magro, tímido, com um perfil de ave e uma cabeleira revolta e muito negra. Jonas Malheiro Savimbi estava na glória dos quarenta e um anos. Vi-o chegar abraçado a Miguel N'Zau Puna, um homem simpático, cujo sorriso iluminava tudo adiante, como um sol particular. A família Puna orgulha-se de descer de Mongovo Manuel Puna, feito barão de

Cabinda pelo rei D. Luís I de Portugal, e um dos signatários do famoso Tratado de Simulambuco. Miguel N'Zau Puna era, à época, o secretário-geral da UNITA. Rompeu com o movimento em 1992, pouco antes das primeiras eleições, acusando o antigo companheiro de uma vasta coleção de crimes imaginativos e pavorosos. Os dois guerrilheiros vestiam camuflado e traziam reluzentes AK-47 a tiracolo. Havia muita gente. Todos aplaudiam. Jonas Malheiro Savimbi aproximou-se de mim e estendeu-me a mão. Cada um dos três movimentos criara como imagem de marca um aperto de mão diferente. Atrapalhei-me, e saudei-o com o aperto de mão do MPLA. Ele encarou-me, surpreendido, mas não disse nada. Avançou e esqueceu-me.

Voltámos a encontrar-nos em 1995, no 8.º Congresso da UNITA, no Bailundo. Fui um dos raros jornalistas autorizados a cobrir o evento. Seis anos antes assinara uma série de reportagens no semanário *África*, de Lisboa, sobre dois jovens dissidentes da UNITA, André Yamba Yamba e Armelindo Kanjongo, os quais me haviam passado para as mãos testemunhos e documentos, incluindo o diário de um outro militante, supostamente um agente da Polícia Política do movimento. Emergia assim um dos mais aterradores episódios da guerra civil. A história era de tal forma inverosímil que quando tentei publicá-la pela primeira vez, no semanário lisboeta *Expresso*, fui

enxotado pelo chefe da secção internacional, hoje a trabalhar em Luanda, para o *Jornal de Angola*: «Isso é propaganda do Governo angolano!», gritou-me. «Aqui não aceitamos propaganda do Governo angolano.»

A 7 de setembro de 1983, sete mulheres e um menino foram queimados vivos sob a acusação de feitiçaria. O processo ocorreu durante um comício, na Jamba, Sudeste de Angola, onde a UNITA manteve durante longos anos a sua mais importante base de operações. Jonas Savimbi presidiu ao comício, exortando dirigentes e generais a atear as chamas.

No seu primeiro romance, *Patriots*, publicado no Reino Unido em 1990, o escritor José Sousa Jamba escreveu um capítulo dedicado ao acontecimento, e que ele mesmo decidiu, no ano seguinte, extirpar da edição portuguesa.

Jonas Savimbi estava consciente da minha participação na denúncia da «queima das bruxas». Em 1995, durante o 8.º Congresso da UNITA, aceitou conceder-me uma entrevista. Recebeu-me numa tenda, rodeado pelos seus generais, todos de semblante carregado. Ele, porém, nunca deixou de sorrir. Respondeu às minhas questões com argúcia e afabilidade. Fiquei com a sensação de que me dizia não o que pensava, mas aquilo que acreditava ser do meu agrado. Lembro-me, por exemplo, de lhe ter perguntado se, ao olhar para trás, não se arrependia do caminho

seguido. Tanta violência. Milhares de mortos. Mutilados. Órfãos. Encarou-me gravemente: «Sou um militar. Ninguém odeia tanto a guerra quanto os militares.»

(Fala Jonas Savimbi)

Aconteceu há muito tempo. Acordei e vi um dos meus guarda-costas empoleirado numa árvore. Abriu os braços, sacudiu-os, e pôs-se a esvoaçar de galho em galho. Levantei-me. Dezenas de soldados, alguns deles nus, bicavam, esgravatavam o chão, e piavam e crocitavam uns com os outros.

Descobrimos mais tarde que haviam comido cogumelos venenosos. Vissolela, uma das minhas mulheres — tive muitas —, era quem entendia de cogumelos, e de ervas e raízes. Sem os conhecimentos dela teríamos perdido um número muito superior de homens durante a Longa Marcha. A maioria dos soldados morreu ao anoitecer. Cinco deles sobreviveram, mas só um voltou a ser pessoa. Os outros continuaram pássaros. Costumava vê-los, nas lavras, exercendo a sua passaridade com grande alarido. Então um dia irritei-me e mandei matá-los.

Passarão é o nome do que voltou a ser pessoa. Antes do acidente chamava-se Hermenegildo Capelo Pena. Esse, o Passarão, ficou comigo. Às vezes sofre recaídas. Dorme acorçado, com uma manta a cobri-lo. Tem sonhos de pássaro. Diz, dizem, que voa de

noite. Ganhou certa fama de prever acontecimentos infaustos. Ontem, anteontem, uma dessas noites, o tempo avança agora em todas as direções, pediu para falar comigo:

— Nos atraíçoaram, mais-velho. Os nossos irmãos, os nossos próprios irmãos, esses nascidos das nossas mães, esses que cresceram connosco, esses que andaram no mato ao nosso lado, esses que connosco repartiram fome e sofrimento. Eles nos venderam. Vamos morrer.

Tentei levantar-lhe o moral:

— Sim — disse-lhe —, vamos morrer. Mas vamos morrer como homens.

As minhas palavras não pareceram consolá-lo:

— Gostava mais de morrer como pássaro, mais-velho. Ah! Morrer voando. Dizem que depois de mortos vamos para o Céu. Eu queria morrer no Céu e só depois de morto vir parar na Terra.

(Fala o escritor)

Publiquei o meu primeiro romance em 1989. Nos anos seguintes escrevi mais oito. Perguntam-me com frequência qual o meu processo de escrita. Nunca sei o que responder. São as personagens que escrevem os livros, digo, sabendo que alguém me irá acusar, logo a seguir, de repisar lugares-comuns. Gosto de lugares-comuns. Lugares-comuns são reconfortantes, como um abraço.

Por vezes as personagens aparecem-nos na vida real, e quando damos conta já estão instaladas nas páginas em que trabalhamos, conversando, sofrendo, amando, conduzindo a ação. Percebemos logo que algumas não pertencem ao nosso universo. São personagens de fantasia. Infiltraram-se na realidade através de um qualquer artifício, deliberadamente, ou por puro equívoco. Estas últimas, as tresmalhadas, anseiam por retornar à ficção. Olham para um escritor e veem nele um passador de fronteiras. Procuram-nos para que as possamos conduzir ao lado de lá.

Noutros casos são tão reais que a ficção as rejeita. A maioria evolui. Chegam, adaptam-se, triunfam, e então, sim, tomam conta da ação, subvertem os roteiros, arrastam-nos através do mistério.

Pensava nisto tudo, sentado a uma das mesas da esplanada da Brasileira do Chiado, à espera de um amigo, quando reparei numa jovem mulher, ao longe, subindo a Rua Garrett. O Sol caía, limpo e sole-ne, enquanto ela ascendia por entre a multidão. Distraía-se a ver os passantes, detinha-se, sonhadora, diante de uma ou outra montra, trocava sorrisos com os artistas de rua. Depois, viu-me e avançou decidida na minha direção:

— Posso sentar-me?

Levantei-me. Ofereci-lhe uma cadeira. Enquanto me erguia o céu escureceu e começou a ventar. Já chovia no momento em que nos sentámos. A água espancava o largo toldo azul, escorria, derramava-se

nas pedras da calçada, descendo depois a rua num violento fragor.

— O que aconteceu ao verão?

— Vai e vem — respondi. — Sobretudo no inverno.

Rimos os dois. Estendeu-me a mão direita:

— Kassandra Sakaita Dachala. Vim de longe para o conhecer.

— Suponho que viemos ambos do Planalto Central. Mas eu vim de lá há mais tempo do que você. Sou mais velho.

— Sim. Muito mais velho.

A sinceridade dela chocou-me:

— Muito mais? Também não exagere.

Kassandra riu-se:

— Pronto, só alguns anos mais. Mas eu não vim do Planalto Central. Nunca estive no Planalto Central. Nasci em Joanesburgo. Vivi em Paris, em Roma, em Londres, em Amesterdão. Atualmente resido em Nova Iorque.

— É filha de Jonas Savimbi?

— Sim.

Ficámos calados. A chuva desorganizando o silêncio. Kassandra herdara do pai os olhos largos e expressivos. A pele era macia e iluminada. A voz também:

— O senhor está a trabalhar num novo romance sobre o meu pai.

— Como sabe?

— Porque li uma entrevista sua em que falava nisso.

— Sim, é verdade.

— Disse na mesma entrevista que escrever sobre o meu pai talvez o ajudasse a compreender a maldade.

— Disse isso? Não me recordo, mas sim, acho que sim. Nascemos bons. Tornamo-nos maus por um esforço do espírito. Acredito que a maldade exige determinação. Os pobres de espírito não conseguem ser maus.

— Disparate! As crianças são ferozes. Os bichos são ferozes.

Calei-me. Não esperava que me contestasse. Cassandra aproveitou o meu silêncio. Ergueu a voz:

— Já sofremos muito. Nós, a família. Por quanto tempo teremos de continuar a sofrer?

— Lamento. Também vocês, a família, são vítimas dos crimes que Jonas Savimbi cometeu. Não podem, no entanto, exigir silêncio. Precisamos, isso sim, de mais debate. Far-nos-ia bem chorar juntos. Só assim conseguiremos ultrapassar a dor.

— Você não o conheceu. O meu pai era um homem generoso. Desprezava os bens materiais. Deu a Angola tudo o que possuía. Deixou-se morrer por Angola.

— Foi um bom pai?

— Se foi um bom pai?!

— Sim, Jonas Savimbi foi um bom pai? Preocupava-se com os filhos?

— Ele tinha muitos filhos...

— Ah, não, esse discurso é que não, pelo amor de Deus!

— Sim, o povo humilde de Angola. Nós, os ovimbundos, os angolanos humilhados e desprezados.

— Você guarda boas memórias do tempo que passou com ele? Conviveram muito?

Kassandra lançou-me um olhar terrível. Salvou-me a chegada do amigo com quem combinara encontrar-me. Sapalo Kapingala emergiu da chuva, à nossa frente, sacudindo uma elegante gabardina azul. Beijou Kassandra em ambas as faces, cravou-me duas fortíssimas palmadas nas costas e em seguida, rindo muito, ocupou uma cadeira:

— Vejo que já fizeram amizade. Desculpem o atraso. Vim a nado.

Sapalo estudou Artes Dramáticas em Nova Iorque. Após concluir o curso negou-se a regressar a Luanda, onde o aguardava uma carreira segura, mas aborrecida, na televisão pública. Também não aceitou fixar-se em Lisboa, cidade na qual residem alguns dos melhores atores angolanos. Foi para Los Angeles. Tem lutado muito. Nos últimos anos conseguiu representar meia dúzia de papéis em produções de baixo orçamento. Além disso realizou ele próprio três

curtas-metragens de ficção. Ligara-me no dia anterior. Encontrava-se em Lisboa e gostaria de me apresentar a uma amiga. Quis saber porque me ocultara a identidade dela. Cassandra sorriu:

— Eu pedi para não lhe dizer. Achei que se recusaria a falar comigo.

— Porquê?

— Porque, como já percebeu, vim aqui para o aborrecer e confundir. O senhor é muito arrogante, acha-se o dono da verdade.

— Escolha outro defeito, esse não. Sou escritor, não teólogo nem juiz. Não busco a verdade, uma verdade única, interesse-me pelas diferentes versões. Conte-me a sua.

(Fala Cassandra Sakaita Dachala)

Os meus pais conheceram-se em Joanesburgo. Imagino que para Naiole, então muito nova, fosse difícil resistir aos avanços de um homem como Savimbi. Ela admirava-o muito. Não o amava, mas admirava-o muito. Engravidou. Nasci em 1980. Poucas semanas depois, mudamo-nos para Paris. Vivíamos sem dificuldades. A mãe recebia uma bolsa do movimento para estudar Economia. Em 1988 foi chamada à Jamba. Deixou-me em Roma, aos cuidados de uma tia, e nunca mais voltou.

O que lhe aconteceu?